

Padre denuncia crime contra os Cintas Largas

CUIABÁ (Dos enviados especiais) — O Padre Tomás de Aquino Lisboa, que deveria manter contato com um grupo de índios Cintas-Largas para a construção de uma estrada municipal em Aripuanã, disse que desistiu de sua missão, porque considera a estrada criminosa e destinada apenas a atender aos interesses do seringueiro Antônio Junqueira, responsável pelo massacre de vários grupos de índios daquela tribo.

O sacerdote causou surpresa com sua revelação, feita num simpósio sobre o futuro dos Cintas-Largas. Ele e o padre Adalberto Pereira, que também falou na sessão de ontem do simpósio, são da Missão Anchieta. Os dois trabalharam com seis grupos indígenas e foram responsáveis pela pacificação do grupo Iranti.

Em sua denúncia, o padre Tomás de Aquino afirmou que até os mais elementares estudos de viabilidade técnico-econômica condenaram o projeto de construção da estrada, que, entretanto, continua em execução.

O sacerdote esclareceu que desistiu da missão pacificadora que lhe caberia para "não servir de instrumento para interesses escusos".

Ele informou que o fato de a Funai não ter enviado a verba para os trabalhos de sua expedição "foi providencial".

— Deu tempo para ver que apenas serviríamos de pontal-de-lança numa estrada que representa o fim para um grupo de Cintas-Largas.

A estrada sai de Aripuanã, atravessa o parque indígena do Município, chega às margens do Juína e liga dois territórios inteiramente desertos.

— No fim, servirá apenas de penetração para os homens do seringueiro Junqueira.

A Universidade Federal de Cuiabá chegou a pedir a interdição da estrada, cujo traçado foi condenado até pelos técnicos do Ministério do Planejamento que participam do Projeto Humboldt. Existe uma outra opção, mais recomendada pelos técnicos, mas que a Prefeitura de Aripuanã surpreendentemente não aceitou.

Linguagem

O outro sacerdote da Missão Anchieta, padre Adalberto Holanda Ferreira, falou sobre o idioma dos Cintas-Largas. Os estudos que ele fez têm por base o que ouviu, por muito tempo, de uma índia Cintas-Larga salva em 1958 de um massacre de seringueiros contra índios da tribo. A menina, que fora violentada pelos serin-

queiros, foi criada junto a outras famílias indígenas e hoje, já moça, casou-se com um índio Cajabi. Ela é a única do grupo Cintas-Larga de Aripuanã que teve contato com civilizados. Seu vocabulário, recolhido pelo padre Adalberto, é o único documento lingüístico que se conhece sobre o arredo grupo Cintas-Larga.

Sem catequese

A Missão Anchieta ficou conhecida por sua posição de vanguarda no relacionamento com os índios. Em 1969, depois de muitos estudos e debates, seus sacerdotes decidiram abandonar a catequização dos índios, deixando-os ficar com sua própria cultura.

— Descobrimos que os índios tinham uma religião apoiada no que é natural, espontâneo, e o que é natural vem de Deus. Não adiantava nada darmos a eles uma forma civilizada de amar a Deus se a deles era mais pura.

O resultado do método é que a Missão Anchieta passou a formar um dos grupos mais evoluídos na pesquisa antropológica indígena. Os sacerdotes da missão, credenciados pela Funai para pacificação, são responsáveis pela assistência a um grande contingente indígena. Há dois anos usaram uma nova técnica para pacificar o grupo Iranti, com o qual mantiveram três contatos. Tiveram a preocupação de não permitir o contato indiscriminado dos silvícolas com civilizados.

Os etnólogos, ecólogos e sertanistas que participam do simpósio sobre os Cintas-Largas concordaram em que o futuro será difícil para os índios brasileiros, especialmente os Cintas-Largas. Os padres da Missão Anchieta citaram vários casos de estradas construídas unicamente com a finalidade de penetrar, com fins predatórios, nas áreas indígenas.

— A cada dia, os índios perdem mais terras e as possibilidades de garantir um futuro melhor — disse o padre Tomás de Aquino.

Apoena pode ser demitido

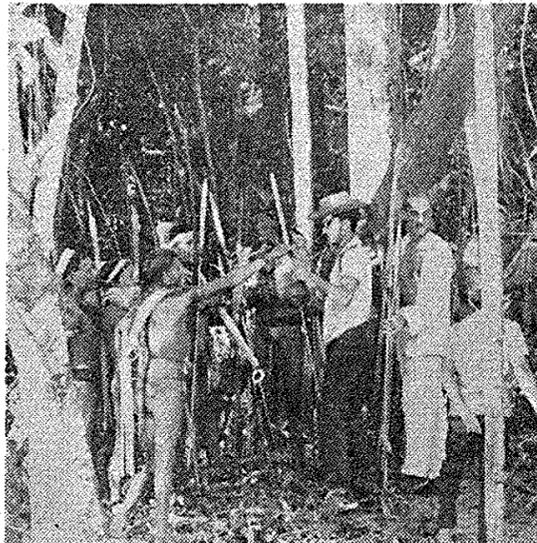
BRASÍLIA (O GLOBO) — A volta do sertanista Apoena Meireles à Fundação Nacional do Índio está sendo considerada pouco provável por alguns funcionários da Funai, esperando-se sua demissão tão logo retorne a Brasília o General Bandeira de Melo, que realiza viagem de inspeção aos postos indígenas do Sul do País.

Apoena deveria ser mandado para a área da perimetral, mas acreditava-se que agora ele será definitivamente desligado da Funai, principalmente devido às sérias críticas que fez, em Cuiabá, à política indigenista da Fundação, que "procura conciliar os interesses dos índios e os dos grupos econômicos interessados em suas terras".

Vários técnicos da Funai, entretanto, aprovam inteiramente algumas das idéias de Apoena, entre

elas a da criação de uma assessoria para assuntos indígenas, formada por sertanistas e antropólogos com bastante experiência no trabalho de atração e pacificação de tribos indígenas no interior do País. Esses técnicos não duvidam da honestidade das autoridades da Funai, mas acham que é necessária "uma participação mais efetiva daqueles que lidam diretamente com os índios na elaboração dos programas e projetos de atração ou de desenvolvimento das comunidades indígenas".

A volta de Apoena Meireles à Funai, de qualquer forma, somente será definida na próxima semana. O presidente da Funai, General Bandeira de Melo, deverá retornar a Brasília no dia 2 de abril e certamente dará uma solução ao problema imediatamente.



Apoena (de chapéu), é amigo dos Cintas-Largas

Funai lança mais duas frentes

BRASÍLIA (O GLOBO) — As duas primeiras frentes de atração dos índios arredios da área da futura Rodovia Perimetral Norte-Pará tem hoje de Manaus e Belém, a primeira em direção aos índios Marubo e Maiá, na fronteira do Brasil com o Peru e a outra em direção aos Uapii, no norte do Pará.

A expedição que sai de Manaus é chefiada pelo sertanista Sebastião Amâncio e se dirige a uma extensa região ao longo da fronteira com o Peru, habitada pela grande nação Marubo e, um pouco acima, pelos Maiá, tribos que já estão em contato intermitente com a Funai. A frente de atração permanecerá um mês e meio na área, descendo e subindo os principais rios, na tentativa de localizar aldeamentos indígenas. Alguns grupos Marubo já foram pacificados e Amâncio pretende utilizar esses índios como guias de expedição.

A segunda expedição, chefiada pelo sertanista Fiorelo Parizi, é também de reconhecimento e vai se dirigir ao norte do Pará, onde residem os índios Uapii, recentemente descobertos pelo etnólogo Prof. Silvio Frikel, do Museu Goeldi, de Belém. Parizi vai levar grande quantidade de presentes para tentar manter contato com os Uapii, com o auxílio de guias indígenas a serem

contratados na região. Se isso não for possível a expedição procurará fazer, pelo menos, um reconhecimento da área habitada por esses índios.

Outras expedições

Estas parecem ser as únicas expedições programadas para a área da Perimetral Norte, embora a direção da Funai já tenha colocado de sobreaviso vários sertanistas que operam em outras regiões e que para lá poderão ser transferidos quando necessário. De qualquer forma não se tem notícia, até o momento, da formação de outra frente de atração para atuar na Perimetral.

O sertanista Francisco Bezerra de Lima deverá atuar na área dos Ianomani, no Território de Roraima, mas na Funai não se sabe quando será formada a expedição. Bezerra conhece bastante a área dos Ianomani e fala cinco idiomas de grupos indígenas da região.

Segundo a "lista de reserva", os próximos sertanistas a serem convocados pela Funai são Rubens Pastana Tavares e Oneide Lima Castelo Branco. Se necessário a Funai poderá contar ainda com os trabalhos de Modesto Alves de França, Osmundo Antônio dos Anjos, Antônio de Sousa Campina e Benamour Brandão Fontes.

Proteção a Parques Nacionais

CUIABÁ (O GLOBO) — (Dos enviados especiais) — O ecólogo Paulo de Almeida Machado, diretor do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazonia (INPA), criticou ontem "a falta de respeito pelos parques nacionais, tanto os indígenas quanto os florestais".

Presente ao "Simpósio sobre o Futuro dos Índios Cintas-Largas", promovido pelo Museu Rondon, da Universidade Federal do Mato Grosso, o diretor do INPA afirmou que "está na hora de nos preocuparmos com o futuro de nossas reservas naturais".

— Uma reserva no Brasil não tem prioridade nenhuma, é cortada por uma estrada sem nenhum escrúpulo — disse o ecologista. — A destruição está sendo rápida demais.

Aculturação

Paulo de Almeida Machado defende uma política de aculturação gradativa do índio,

respeitando-o como ser humano.

— A arrogância dos civilizados impõe aos índios uma cultura que não lhes é útil, prática, e que nem ao menos lhes dá condições de sobrevivência. Antes de ensinar aos índios, devemos aprender com eles. Os índios são donos de uma ciência de convivência na selva, de equilíbrio ecológico, que poderá servir à nossa própria sobrevivência na Amazonia. Precisamos parar de ensinar Algebra, História ou Geografia européia aos índios. Eles precisam apenas saber caçar, pescar e construir casas. É importante que se desperte com urgência a grande contribuição que o índio poderá dar na Amazonia. Caso não se modifique toda uma mentalidade, o índio desaparecerá sem que seus valores sejam incorporados à nossa cultura — disse o ecólogo.

O diretor do INPA sugeriu que do Simpósio "saíssem lições claras que pudessem auxiliar a Funai a executar uma política indigenista humana".

Defesa de reservas florestais

BRASÍLIA (O GLOBO) — O Presidente Médici sancionou lei estabelecendo que será punível, com pena de prisão de três meses a um ano e multa de um a 100 salários mínimos, a transformação de madeira de lei em carvão, inclusive para qualquer aplicação industrial.

A lei foi incluída no Código Florestal.

Postos indígenas

PORTO ALEGRE (O GLOBO) — Em encontro realizado ontem no Palácio Piratini, o Presidente da Fundação Nacio-

nal do Índio, General Oscar Jerônimo Bandeira de Melo, debateu com o Governador Euclides Triches a aplicação, no Estado, do convênio firmado entre a Funai, a Escola Florestal de Curitiba e a Sudesul, para a proteção das reservas florestais existentes nos postos indígenas do Rio Grande do Sul.

Também foi debatida a eletrificação rural dos postos indígenas do Ligeiro e Carretão, nos municípios de Tapejara e Santo Augusto. Esse projeto será executado pela Cooperativa de Eletrificação Rural do Alto Uruguai.